

5a Mostra de Teatro de Heliópolis: A Periferia em Cena 2023

Machos des(cons)truídos, por Simone Carleto¹

Bóris não está pronto, do Coletivo Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes, foi apresentado na noite de quinta-feira, como parte da 5a Mostra de Teatro de Heliópolis: A Periferia em Cena 2023, na sede da Cia de Teatro Heliópolis, na Casa de Teatro Maria José de Carvalho, bairro do Ipiranga, em São Paulo. O Coletivo Dolores tem sua sede no CDC Vento Leste, espaço cultural público, na zona Leste de São Paulo, Jardim Triana, próximo ao metrô Patriarca. O grupo tem resistido nesse território com trabalho continuado de pesquisa teatral, ações culturais e atuação comunitária. Portanto, sua presença na programação da Mostra que tem como tema a centralidade das periferias na construção da cena teatral faz parte do significado que a organização da mostra representa em termos de produção teatral independente, notadamente relativa ao teatro de grupo brasileiro.

Vários elementos de *Bóris não está pronto* dão conta da elaboração reflexiva acerca da construção social da masculinidade. Concebido massivamente como machismo, o conceito é aprofundado na peça para abranger os prejuízos socio-histórico-culturais da construção de um perfil humano violento, sectário, intransigente, para polemizar frente a facetas das relações de classe e gênero sobre como o comportamento dos homens é formado em um contexto determinado pelas relações de produção material e simbólica, terminando por escancarar a violência cabal perpetrada pela exploração capitalista. As camadas da construção dramaturgica de texto (por Luciano Carvalho e Tiago Mine), da encenação e da atuação compõem um todo elaborado complexo, em que o gênero feminino é apresentado fantasmagoricamente, hora presente pela memória dos homens em cena, hora pela paramentação de uma caixa acústica, hora pelas vozes que dela ecoam, porém ainda assim evoca textos de autores masculinos: Charles Bukowski e Bóris Vian, tendo este inspirado o nome do trabalho. As vozes são feitas por Camila Grande, Erika Viana e Tati Matos.

¹ Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral. Professora do curso profissionalizante do CAC Walmor Chagas, coordenado pela Cia Teatro da Cidade, em São José dos Campos.

A sinopse do espetáculo menciona em um trecho a poética produzida (como modo de construção e forma artística, que compreende estrutura e conteúdo imbricadas): “[...] Com foco nas fragilidades do homem, na tortura do machismo sobre a masculinidade e nas consequências da perpetuação desta mazela social e histórica, a peça se ampara na forma lírica e épica para compor um mosaico do homem. [...]”. Ao tratar de mosaico, apropria-se acertadamente da imagem que pode simbolizar a composição por diferentes materiais, cores, texturas, amalgamada pelo princípio de montagem, com “massas e fios” de diferentes tipos e características diversas. Desse modo, as dramaturgias do trabalho traçam um percurso ao mesmo tempo ousado e lúdico. Com a poética das imagens produzidas cenicamente pelo elenco composto por Cristiano Carvalho, Fernando Couto, João Alves e Tiago Mine, abordam a formação dos estereótipos do “macho” desde a infância. E o final traz o trabalhador em face do sistema capitalista contemporâneo, que expropria dos seres até as últimas gotas de suor e sangue. Todas essas linhas de Bóris são apresentadas em quadros que utilizam música, poesia, desenhos coreográficos com ações relativas a características fundantes da formação cultural da masculinidade, além da forma épica garantir diferentes momentos: cômicos, ácidos, fantásticos.

Com direção de Luciano Carvalho, trata-se de um trabalho significativo quando se pensa a forma de produção do teatro de grupo, evidenciando-se o caráter de classe no tratamento do tema. O coletivo o faz de modo contundente, pois ousa ao abordar o tema machismo em perspectiva de classe, evidenciando as contradições existentes na construção social que ao priorizar os homens em diversos arranjos sociais produz aos mesmos imposições quase intransponíveis de um jeito de ser que extrapola a condição de ser homem, mas apresenta-se como um modo autoritário, patriarcal e ditatorial em suas determinações materiais e simbólicas. Por esse motivo, existe a importância de debates após as apresentações, para que se possa aferir com alguma propriedade o que toca as pessoas do público. Nesse sentido, o recorte é preciso, consistindo em um olhar singular para a temática absolutamente emergente na atualidade. Ainda que arriscando o limite do desconforto, busca expor contradições das violências cotidianas às quais estão expostas mulheres e homens. Bóris apresenta-se não como personagem, mas como “síntese da masculinidade”. Nossos “vires a ser” como sujeitas e sujeitos da história têm muito mais potencial de existirem socialmente quanto mais formos pessoas alimentadas pelo imaginário que prepara a

terra e os territórios para que as diversidades e o pensamento liberto de quaisquer amarras possam nascer.